Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade do Estado do Pará
Belém-Pará- Brasil

Revista Cocar. Edição Especial N.36/ 2025 p. 1-21 ISSN: 2237-0315
Dossiê: Currículos, corpos femininos, corpos lgbtqiapn+ e as pesquisas com os cotidianos nos diversos espaçostempos educativos

DO ALFA AO SIGMA – pedagogias visuais e redes masculinistas cybers

DE ALFA A SIGMA – pedagogías visuales y redes masculinistas cybers

Marcos Aurélio do Carmo Alvarenga
Juliana Lazzaretti Segat
Marcio Caetano
Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)
Rio Grande do Sul- Brasil

Resumo
Nas últimas décadas, inúmeras mobilizações transnacionais masculinistas vêm emergindo buscando reafirmar a natureza da assimetria sexual e o enfrentamento ao feminismo. Nessa direção, interrogamos a rede cyber manosphere, discutindo os modos como entrelaçam suas pedagogias homossociais. Para tanto, analisamos as postagens do Red Pill no Twitter (X) observando como esses sujeitos são representados e produzem pedagogias visuais reverberando verdades sobre a(s) masculinidade(s). Balizados nos Estudos Culturais Visuais e Feministas, compreendemos que o segmento Red Pill na manosphere compreende a masculinidade articulada a lógica androcêntrica, enfatizando a misoginia e promovendo os ideários darwinistas de competitividade social.
Palavras-chave: Rede cyber. Red Pill. Assimetria sexual.

Resumen
En las últimas décadas han surgido numerosas movilizaciones transnacionales masculinistas que buscan reafirmar la naturaleza de la asimetría sexual y confronto al feminismo. En esa dirección, interrogamos a la red *cyber manosphere*, discutiendo las formas en que entrelazan sus pedagogías homosociales. Con este fin, analizamos las publicaciones de *Red Pill* en Twitter (X) observando cómo estos sujetos son representados y producen pedagogías visuales que reverberan verdades sobre la(s) masculinidad(es). Con base en Estudios Culturales Visuales y Feministas, entendemos que el segmento *Red Pill* en la *manosphere* comprende la masculinidad articulada con una lógica androcéntrica, enfatizando la misoginia y promoviendo ideas darwinistas de competitividad social.
Palabras clave: Rede cyber. *Red Pill*. Assimetria sexual.

Introdução

Há décadas, os estudos sobre masculinidades têm nos ajudado a refletir sobre o gênero de modo relacional. A partir deles, compreendemos que não há uma, mas múltiplas masculinidades possíveis, todas construídas socialmente e sujeitas a questionamentos e transformações culturais ao longo das histórias sociais. Nessa direção, podemos afirmar que as masculinidades são dinâmicas, sendo influenciadas por fatores políticos, culturais, raciais, econômicos, geográficos, entre outros vetores. No entanto, ainda que saibamos a pluralidade performativa da(s) masculinidade(s), modelos hegemonistas ainda buscam evidenciar formas mais honradas de ser homem, prevalecendo idealizações marcadas pelo patriarcado, branquitude e capital relacionadas aos valores judaico-cristãos, à virilidade laborativa e sexual, à força e à dominância de mulheres e outros homens que não alcançam a performatividade hegemonista.

Nessa direção, nas últimas décadas, inúmeras mobilizações transnacionais masculinistas vêm emergindo buscando reafirmar a natureza da assimetria sexual e o enfrentamento ao feminismo. Por meio de discursos e práticas pedagógicas que insuflam, reiteram e ensinam a família tradicional cisheteropatriarcal e que, a todo tempo, reivindicam as assimetrias entre os gêneros e a heterossexualidade como norma, vão se instituindo e reforçando expectativas sobre aquilo que se espera de "um homem de verdade" e das relações de gênero em geral. É imerso nesse caldo cultural e pedagógico que temos testemunhado a emergência de uma nova onda de movimentos conservadores, antifeministas e perpetuadores de discursos de ódio às mulheres, que, salvo as suas especificidades, serão nomeados como neoconservadores (Silva; Ferrari; Caetano, 2022). Dentre esses grupos, destacamos, no presente trabalho, os *Red Pill*. Integrando a rede *cyber manosphere*, eles buscam nas fábulas cinematográficas, a exemplo do filme *Matrix* (1999)[i], de Lana Wachowski e Lilly Wachowski, os modos de seduzir a aliciar seus quadros.

Nessas redes formativas virtuais, circulam e se articulam narrativas misóginas, conservadoras, homofóbicas e neoliberais. A um só tempo, eles criticam a autonomia e a conquista de direitos pelas mulheres, bem como objetivam a manutenção (ou o resgate) de um certo *status quo* privilegiador de homens brancos cisheterossexuais. Fazem isso, especialmente, por meio da disseminação de postagens com textos e imagens representativas do que compreendem como o verdadeiro homem e da forma como veem as

mulheres. Assim, essas visualidades (in)formam e ensinam sobre a(s) masculinidade(s) e, também, sobre as relações de gênero, a partir de narrativas misóginas.

A misoginia não é novidade nas estratégicas androcêntricas, a inovação se dá pelas suas formas de instrumentalização pedagógica: grupos virtuais organizados nas redes sociais cujos efeitos violentos disseminam-se on-line e off-line. Partindo desse contexto, no presente artigo, por meio da análise de imagem fundamentada nos estudos das pedagogias culturais visuais, buscamos interrogar como o segmento *Red Pill* da rede *manosphere* compreende o modelo de masculinidade e como ele se articula na defesa da lógica androcêntrica. Para tanto, analisaremos as postagens de um perfil identificado como *Red Pill* na rede social Twitter (X), a fim de observar como esses sujeitos são representados e produzem pedagogias visuais dentro daqueles subgrupos.

Explorando o Conceito de Masculinidade(S)

Os estudos sobre masculinidades têm se consolidado nos últimos 30 anos como um campo de conhecimento importante para entender as dinâmicas de gênero, além de apontarem para a existência de múltiplas masculinidades, com hierarquias e padrões hegemônicos em cada sociedade (Connell, 2015). Construídas ativamente na vida social, as masculinidades são apresentações complexas e sujeitas a modificações ao longo da história. Nesse sentido, elas não podem ser vistas como uma entidade fixa e imutável, mas como fenômeno dinâmico, que se transforma de acordo com as transformações econômicas, culturais e políticas pelas quais as sociedades passam.

A partir dos estudos das masculinidades, podemos assumir que, em cada sociedade e/ou (sub)grupos, existe um modelo culturalmente exaltado que se impõe sobre os demais. Trata-se do que Connell (2015) chama de masculinidade hegemônica, a qual é posicionada como hierarquicamente superior às diversas masculinidades subalternas. Este conceito foi elaborado dentro de uma compreensão multidimensional de gênero, sendo inicialmente concebido como um padrão de práticas que possibilitou a continuidade da dominação dos homens sobre as mulheres e/ou de determinado modelo de homem sobre as demais performatividades masculinas.

Com o passar dos anos e a ampla utilização dessa categoria, Connell e Messerschmitt (2013) propuseram uma revisão do conceito segundo a qual, ao utilizá-lo, levemos em conta que: a) a natureza das hierarquias de gênero não são tão simples como dominante-dominado e que se co-constroem na intersecção com outros sistemas (raça, sexualidade e/ou classe, por

exemplo); b) que há uma geografia das configurações de masculinidade hegemônica, de nível local, regional e global, de modo que o que é considerado como o "verdadeiro homem" no nível local (família, igreja ou comunidade, por exemplo), nem sempre coincide com o que é admirado em nível regional ou global, ainda que esses níveis se influenciem mutuamente; c) há de se considerar o contexto social no qual determinado grupo está inserido; e d) as dinâmicas das masculinidades não são lineares, estando sujeitas a desejos, contradições internas/externas e erros de cálculo quanto aos benefícios possíveis a partir da incorporação de determinadas práticas consideradas parte do modelo hegemônico.

A hegemonia desse modelo não é estática ou estatística, ou seja, a maioria dos homens não o incorpora efetivamente, ainda que todos sejam interpelados a se posicionarem em relação a ele. Um modelo de masculinidade é hegemônico porque se estabelece a partir de uma correspondência entre um certo ideal cultural e o poder institucional de modo que, por meio dele, exerce autoridade. Por isso, mesmo que um homem com poder não incorpore características hegemônicas, em geral, os mundos corporativo, militar e governamental nos fornecem uma amostra coletiva da masculinidade que consegue se manter estável e normativa (Connell, Messerschmitt, 2013).

Para Caetano, Teixeira e Silva Junior (2019, p. 41), o hegemônico "se materializa por meio das experiências coletivas que se desenvolvem a partir de performatividades e provas que objetivam atestar a inteligibilidade do sujeito que se afirma homem". No nível transnacional, conforme destacam Pereira e Baliscei (2023), é possível falarmos, assim, em um modelo globalizado de masculinidade, que é ocidentalizado, carrega certas características estéticas eurocêntricas, além de determinadas expectativas de performatividades. Atualmente, o termo masculinidade pode ser entendido como uma característica ou condição associada ao homem, frequentemente relacionada a traços tradicionalmente considerados viris e de dominância (Connell; Messerschmitt, 2013). A partir de determinada concepção de masculinidade é que foi criada a binaridade dos sexos: enquanto o homem masculino fosse forte e viril, a mulher feminina deveria ser fraca e frágil, seguindo o princípio de que um sexo jamais poderia compartilhar virtudes e características do outro; ou seja, eles deveriam se apresentar necessariamente opostos, assimétricos e complementares.

A percepção de masculino e, concomitantemente, de feminino perpassa a compreensão de binaridade de gênero, que está profundamente enraizada nas relações de poder socialmente construídas. Nessa perspectiva, é possível perceber que o atual modelo

ocidentalizado da masculinidade hegemônica é reflexo de uma idealização social do que é ser um "homem masculino" forte e dominante nas relações de poder em sociedade, pautadas na organização por hierarquias sociais.

A referência desse modelo é o homem cisgênero, branco, burguês, de meia idade, heterossexual e urbano guiado por valores judaico-cristãos e de mercado. O discurso do que é ser homem, aqui, conecta-se, obrigatoriamente, a uma relação "assimétrica, complementar e direta com a mulher, e tem, no sexo anatômico (pênis e vagina), o ponto inicial de sua construção e afirmação" (Caetano; Teixeira; Silva Júnior, 2019, p. 41). Ou seja, é orientada pela cisheteronormatividade. Daí que, independente de classe, raça e idade, no ocidente, a masculinidade idealizada traduz-se em uma negação: se é homem, não é mulher, tampouco homossexual (Pereira; Baliscei, 2023; Nascimento, 2022). Há, pois, uma noção de antifeminilidade no âmago da construção contemporânea dessa masculinidade, do que decorre a desqualificação e a objetificação das mulheres em diferentes intensidades a depender dos marcadores que as atravessam[ii]. Em decorrência disso, estabelece-se, também, um paradoxo: por um lado, instaura-se um medo de ser lido como homossexual – por comportamentos que se aproximem da feminilidade –, do que decorre a homofobia (Kimmel, 2016); por outro, há uma constante busca pela validação de seus pares – homens buscando a aprovação de outros homens por meio de relações de cumplicidade, proteção, silenciamentos (Zanello, 2020) e homossociabilidade.

Neste cenário, a compreensão que perpassa a masculinidade hegemônica reivindicada pelas redes masculinistas, tema deste texto, se apresenta como padrões de comportamento e conduta, que buscam valorizar socialmente o homem cisheteropatriarcal, o qual é considerado como a expressão máxima da existência ancorada na tradição. Em outras palavras, uma determinada leitura do passado é reivindicada para legitimar privilégios masculinos e é nessa direção que interrogamos a rede *cyber manosphere*, discutindo os modos como entrelaçam suas pedagogias homossociais a partir das análises das postagens do *Red Pill* no Twitter (X), no decorrer do segundo semestre de 2024.

A Mobilização Reacionária *Red Pill*

Emergidos nos anos 1990, nos países do norte global, as redes masculinistas se antagonizam ao feminismo e ao direito das mulheres, sobretudo, quando relacionado ao seu protagonismo no âmbito doméstico e/ou público, retomando as estruturas patriarcais e evocando o tradicionalismo como princípio de suas redes (Brown, 2006). Nessa direção, a

manosphere, ou esfera masculina, é um conjunto de comunidades on-line e redes que se concentram em questões relacionadas à masculinidade cisheteronormativa e às relações de gênero. Por meio dos estudos de Ging (2019) e Bravo-Vilasante (2024), percebemos que a *manosphere* possui comunidades de diversas naturezas, mas todas buscam algo em comum: a valorização da hierarquia social masculina.

O termo *manosphere* surgiu em 2009 nas redes sociais da época, compreendido como "*blogosfera*[iii]". Inicialmente, começou a circular entre os usuários do *Blogspot*[iv] e ganhou notoriedade através das redes socais que o utilizaram para relatar casos de violência e assédio associados a grupos pertencentes à *manosphere*, grupos esses formados especificamente por homens que se consideram injustiçados pela forma que a sociedade estava se formatando na contemporaneidade (Ging, 2019). Este fenômeno, que é conhecido como *manosphere*, emergiu com o advento da *Web* 2.0, abrangendo uma variedade de *blogs*, *fóruns*, canais de *streaming* e páginas em redes sociais nos quais alguns homens promovem uma forma agressiva de masculinidade, muitas vezes marcada por uma forte aversão ao feminismo e à defesa da igualdade de gênero (Silva, 2022).

Em meio a esse cenário de reações contra as alterações sociais e as conquistas de direitos por mulheres e pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexos (LGBTI+), emerge a rede autointitulada *Red Pill*. A expressão "*Red pill*" tem origem na famosa trilogia cinematográfica *The Matrix*, na qual ao personagem principal, Neo, são oferecidas duas opções: tomar uma pílula azul ou tomar uma pílula vermelha.

> O personagem Morpheus oferece ao personagem Neo uma 'última chance' de encontrar 'a verdade' a partir da decisão de tomar a pílula azul (que o levaria de volta para sua vida ordinária) ou vermelha (que o apresentaria a uma nova e verdadeira realidade) (Vilaça; D'Andréa, 2021, P. 412).

Essa metáfora da pílula vermelha foi posteriormente adotada e popularizada em diversos contextos, especialmente nas comunidades on-line, para descrever uma mudança radical na percepção da realidade, especialmente em relação a questões hierárquicas de gênero, os relacionamentos interpessoais entre os sexos (Lima-Santos; Santos, 2022; O'Malley; Holt, 2022) e as alterações sociais advindas das políticas sociais e ambientais, quase sempre vistas como temas ligados às forças discursivas da esquerda.

Nesse sentido, as comunidades on-line da *manosphere* interpretam a escolha da pílula azul como uma adesão à continuidade dos padrões sociais estabelecidos e à manutenção de

uma vida ordinária, retratando aqueles que a escolhem como sujeitos que não desejam desafiar ou lutar por mudanças em relação aos direitos e aos papéis sociais dos homens tradicionalmente masculinos, judaico-cristãos, cisgêneros, brancos, heterossexuais e provedores da família. Por outro lado, a decisão de optar pela pílula vermelha é vista como um ato de resistência ao *status quo*, representando uma posição favorável às transformações sociais, as quais possibilitaram às mulheres e pessoas LGBTI+, por exemplo, alcançarem diferentes protagonismo sociais (Santos, 2022).

A partir dos escritos de Rollo Tomassi (2013) em sua obra *The Rational Male*, emerge a narrativa do que viria a se tornar a mobilização conhecida como *Red Pill*. Fundamentado na compreensão do sujeito masculino e do papel do "sexo forte", tanto em relacionamentos heterossexuais quanto em interações sociais, essa rede defende o discurso de que o protagonismo feminino, além de violar a natureza das coisas, oprimiria os homens. Em sua cosmovisão, o masculino inerentemente se destaca em relação ao feminino em todos os aspectos. Desse modo, o *Red Pill* é frequentemente associado a uma visão de mundo crítica em relação ao feminismo e suas bandeiras de enfrentamento às normas sociais tradicionais entre os sexos. Nessa direção, a rede desconsidera os aspectos culturais e feministas que envolvem a categoria gênero e reivindica as tradicionais dimensões explicativas da biologia dos sexos, balizado no órgão anatômico, para naturalizar as diferenças e hierarquias, promovendo uma perspectiva que enfatiza a superioridade masculina, a competitividade darwinista e os valores da modernidade.

Os modos como são construídas as narrativas *Red Pill* certamente a aproximam do paradigma evolucionista do darwinismo social[v], postulando a sobrevivência dos mais aptos na disputa pelos recursos naturais. Não obstante esse debate, a visão controversa que associa o espaço público ao masculino e o privado ao feminino tem sustentado uma lógica conservadora nas relações sociais que baliza e institui a cidadania. Em outras palavras, a Rede defende a universalização do sujeito ancorado na masculinidade e considera que o limite da virtude cidadã começa quando se analisa o temperamento da mulher e do homem, do branco e do negro, da heterossexualidade e das dissidências sexuais, entre outras dualidades. Na lógica *Red Pill*, o valor e a justiça, entre esses, não são iguais exatamente porque suas naturezas são diferentes: o valor do homem se demonstra pela autoridade e o da mulher pela obediência.

A perspectiva defendida reforça a exclusão de meninas, mulheres e outros grupos marginalizados da gestão da vida e da liderança social, ao mesmo tempo em que reserva esses papéis para um perfil específico: o homem branco cisheteronormativo burguês. Esse discurso, que se apoia na construção de capacidades supostamente "naturais" ou exclusivas desse grupo, perpetua a hierarquização e a dominação nas relações sociais por meio das diversas pedagogias culturais, legitimando desigualdades estruturais e restringindo a diversidade nos espaços de poder.

Como já mencionado, os membros do *Red Pill* sugerem que o feminismo favorece as mulheres na sociedade, além de uma compreensão de que elas buscam parceiros mobilizadas pela hipergamia. Embora o conceito de *Red Pill* tenha sido formalizado na obra de Tomassi (2013), a noção dessa mobilização emerge primariamente nas redes sociais digitais, como Twitter (X) e Reddit, que facilitaram a interação entre grupos de discussão e comunidades de compartilhamento de opiniões e narrativas (Vilaça; D'Andréa, 2021). As diretrizes do *Red Pill* abrangem uma série de princípios que orientam a visão de mundo de seus adeptos, sustentando a natureza das diferenças sexuais e argumentando que esta ampara e equilibra a sociedade. Além disso, a Rede enfatiza a importância do autoaperfeiçoamento e das atividades físicas e bélicas, encorajando os homens a buscarem constantemente o desenvolvimento pessoal em diversas áreas da vida para garantirem a força necessária à autoproteção e à família.

A masculinidade hegemônica, caracterizada por atributos como firmeza, virilidade, honra, dominação, poder e, frequentemente, violência, ocupa um lugar central nas pedagogias que universalizam conhecimentos do/no *Red Pill*. Contudo, embora uma visão de masculinidade seja amplamente promovida pelo grupo, há, paradoxalmente, a defesa da coexistência de outras performatividades masculinas e serão elas debatidas na próxima seção.

Masculinidade no *Red Pill*: Do Alfa ao Sigma

A exemplo dos debates iniciados com o filme *Matrix*, o *Red Pill* se utiliza, por exemplo, de inúmeras metáforas e visualidades, quase sempre balizadas e apresentadas nos aspectos biológicos, para pedagogicamente aliciar e promover suas narrativas. Valendo-se dos recursos audiovisuais, a Rede seduz ao mesmo tempo que promove sua doutrina ancorada na noção de competitividade e supremacia masculina.

Ao compreender a força pedagógica da cultura contemporânea, as diferentes visualidades reverberadas pelo *Red Pill* veiculam artefatos carregados de sentidos e significados que buscam conduzir os homens ao encantamento e ao consumo de determinada masculinidade. A emissão de discursos nesses artefatos advém de diferentes setores econômicos, sociais e culturais, mas expressam a narrativa que busca consolidar verdades e convencer sobre determinadas perspectivas de vida e modos de ser e de estar no mundo. A maquinaria visual promovida pelo *Red Pill* no Twitter forma um eficiente jogo de produção e de disputa de subjetividades. Não é por menos que nos valemos de suas postagens, elas dão conta de processos de interação com as visualidades que se apresentam como potentes temas de investigação.

Quando vistas como fonte de produção de conhecimento, as visualidades assumem dimensões indagadoras porque apresentam modos de endereçamento; tratam-se de formas de relacionar os sujeitos a entrelaçamentos narrativos que produzem efeitos e significados à existência. No âmbito das pesquisas educacionais, os artefatos visuais têm interessado sobremaneira ao campo dos Estudos Culturais de perspectivas críticas e pós-críticas. São muitas as investigações que indagam a relação estabelecida entre as visualidades e os sujeitos no processo de construção das identidades nos momentos histórico-sociais (Anadon; Caetano; Rangel, 2015; Penalvo; Caetano; Rodrigues; Alves, 2020). É exatamente porque a imagem opera entre e com os sujeitos, estabelecendo aproximações, orientando diálogos e identificando potências políticas, que emergem nossas preocupações sobre os usos *Red Pill* das imagens nas operações masculinistas.

O debate em torno das visualidades nos ajuda a compreender os recursos pedagógicos utilizados pelo *Red Pill*. Em uma de suas metáforas, ancorada nos aspectos biológicos e darwinistas, a hierarquia entre os lobos é reivindicada para explicar e legitimar as diferentes dinâmicas masculinas, oferecendo uma estrutura para compreender como os homens se organizam e interagem em termos de poder e *status*. Baseando-se na discursividade de que as interações masculinas na sociedade seguem uma estrutura rígida de poder e *status*, semelhante à dinâmica de uma alcateia de lobos selvagens, para o *Red Pill*, os homens são classificados em arquétipos que se valem do alfabeto grego: "alfa", "beta", “delta”, "gama", “ômega” e “sigma[vi]”, cada um representando diferentes níveis de dominância, influência e atratividade.

A partir da organização da alcateia, o perfil *Red Pill* @StrideWarrior, em uma postagem no Twitter (X), faz uma relação entre os arquétipos de masculinidade e personagens cinematográficos, de modo a explicar como são apresentadas as diferentes formas de ser homem nessa *manosphere*. Embora o *Red Pill* desenvolva arquétipos para categorizar os "tipos aceitáveis" de homens dentro de sua esfera, é importante destacar que esses arquétipos estão fundamentados principalmente em características como dominância, poder, atratividade e firmeza. Ao nos debruçarmos sobre os arquétipos de lobo alfa, identificamos a alusão ao líder natural. Transportando para a compreensão de homens na *Red Pill*, isso se caracteriza como o sujeito carismático, confiante e desejado pelas mulheres, sendo o ideal de masculinidade a ser alcançado. Já os lobos betas e outros arquétipos são associados a características consideradas subalternas ao alfa, sendo frequentemente retratados como homens que falham em exercer poder ou atratividade sobre os outros. Voltando à postagem de @StrideWarrior, ele apresenta as características que definem cada um dos arquétipos masculinos, estabelecendo categorias que normatizam os diferentes "tipos" de homens dentro do *Red Pill*. Essas abordagens visuais não apenas classificam os homens, mas também os hierarquizam, reforçando e reiterando, de modo a produzir efeito de naturalidade, uma lógica pedagógica de poder baseada em critérios subjetivos de dominância, atratividade e sucesso.

O primeiro arquétipo sobre o qual @StrideWarrior se debruça é o "alfa", esse considerado dentro do *Red Pill* como a expressão máxima do homem masculino na atualidade. Ao se utilizar de três personagens de filmes/série da cultura pop – Rei Leônidas, Capitão América e Thomas Shelby[vii] – presentes na figura 01, @StrideWarrior vem nos apresentar o que ele compreende por macho alfa.

Figura 1. Homem Alfa

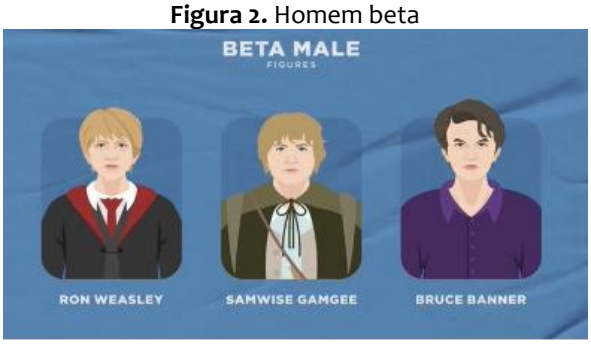
Fonte: https://x.com/StrideWarrior/status/1824702889173848294 Rede Social X, 08/jul. 2025

Em sua descrição de homem alfa, @StrideWarrior circunscreve-os como assertivos e dominantes. Afirma que eles geralmente assumem o comando em ambientes sociais, têm alto *status* social e são naturalmente líderes carismáticos, além de serem o centro das atenções, como um CEO[viii] de uma empresa, que pode comandar uma sala sem esforço, ou heróis, generais e *gangsters*, que conseguem cativar multidões de fiéis a seguir seus princípios e desejos. Ao associar qualidades como assertividade, dominância e liderança carismática exclusivamente ao arquétipo alfa, cria-se uma figura idealizada que supostamente concentra todas as características desejáveis em um homem. O exemplo do CEO, usado pelo autor na conta de Twitter, não apenas legitima essa hierarquia como natural, mas também a vincula a cenários de poder e *status* fomentado pelo neoliberalismo, sugerindo que o "sucesso masculino" é medido pela capacidade de liderar, influenciar e ter acesso ao capital. Inclusive, se atentarmos aos personagens utilizados, vemos que, na perspectiva *Red Pill*, só são considerados "alfa" aqueles homens que têm poder de comando e conseguem movimentar multidões de modo a fazerem coisas que desejam.

O homem alfa, portanto, pode ser associado ao modelo ocidentalizado de masculinidade, entendido, aqui, como hegemônico – não em termos numéricos, mas sim em termos de detenção de poder. Além de performatizar comportamentos enquadrados como esperados de um "Homem" – esteja ele no mundo corporativo, militar, governamental ou até mesmo no mundo do crime (pensando a partir do personagem Thomas Shelby, que é chefe de uma organização criminosa irlandesa na série *Peaky Blinders*) –, ostenta uma certa estética conectada ao Norte global: é branco, com musculaturas definidas, por vezes, barbudos e, quase sempre, de olhos claros. Em qualquer caso, afasta-se de características entendidas como femininas e é desejado pelas mulheres. Nesse sentido, as postagens de @StrideWarrior são um exemplo da forma como as imagens são utilizadas para ensinar sobre como ser homem de verdade em uma perspectiva neoconservadora e neoliberal.

Por outro lado, os betas, representados pelos personagens Ron Weasley, Samwise Gamgee e Bruce Banner[ix], presentes na figura 02, são compreendidos como homens passivos socialmente, quase sempre ligados ao *status* de camaradagem e coletividade, sempre assumindo um papel secundário, tanto na história, quanto nas relações de hierarquia social.

Figura 2. Homem beta



Fonte: https://x.com/StrideWarrior/status/1824702889173848294 Rede Social X, 08/jul. 2025

Ao estabelecer a figura do homem alfa como carismático e central nas interações sociais, @StrideWarrior concebe o arquétipo do beta como um contraponto subordinado. O beta é descrito como o "amigo do alfa", alguém que desempenha um papel secundário e instrumental, frequentemente ajudando o alfa a alcançar suas ambições e satisfazer seus desejos. De acordo com @StrideWarrior, o beta é caracterizado por sua falta de grandes aspirações sociais, apresentando uma passividade e focando em estabelecer algum tipo de relação afetiva, na qual é retratado como submisso, já que o beta supostamente se permite ser dominado pelos outros, como é possível constatar nos personagens apresentados. Ainda que cada um deles apresente um certo protagonismo nas histórias que contracenam, todos estão em um espaço de submissão a outro personagem que, esse sim, é o protagonista da história. Ou seja, ainda que performatizem características da masculinidade, os betas são aqueles que sempre estão atrás e seguindo ordens, diretrizes e discursos dos alfas.

Os homens deltas, por sua vez, não têm características de alfas nem de betas; são considerados medianos na hierarquia social, sem ser aqueles que dominam, tampouco os submissos. Na postagem, a referência se ancora nos personagens Harry Potter, Marty McFly e Frodo Baggins[x], presentes na figura 03.

Figura 3. Homens Delta

Fonte: https://x.com/StrideWarrior/status/1824702889173848294 Rede Social X, 08/jul. 2025

Para @StrideWarrior, o arquétipo do delta representa o indivíduo que, embora possua ambições, carece do carisma necessário para mobilizar pessoas ou liderar grupos em prol de seus objetivos. Os deltas, segundo o autor, tendem a seguir as normas e expectativas sociais sem questioná-las, demonstrando uma aceitação passiva de seu lugar na estrutura social. Essa conformidade é interpretada como um reflexo de sua percepção de que a posição que ocupam é "adequada" às suas capacidades e circunstâncias. Além disso, eles evitam ativamente assumir posições de liderança, preferindo operar dentro dos limites estabelecidos. Olhando para os personagens utilizados na postagem, compreende-se que são aqueles sujeitos que têm um certo papel de centralidade, porém não são sujeitos que conseguem dominar os outros, preferindo, assim, dividir o poder de escolha e dominação com os outros membros de seu grupo.

O homem *gamma* por sua vez, na visão do *Red Pill*, é aquele sujeito reacionário, que rejeita ou questiona as normas sociais, tendo como exemplares dessa categoria os personagens Tony Stark, Jack Sparrow e Han Solo[xi], como podemos ver na figura 04.

Figura 4. Homem *gamma*

Fonte: https://x.com/StrideWarrior/status/1824702889173848294 Rede Social X, 08/jul. 2025

O arquétipo do homem *gamma*, dentro da lógica do *Red Pill*, transcende a simples conformidade com normas e diretrizes sociais. Para os defensores dessa perspectiva, o *gamma* é retratado como alguém extremamente inteligente, independente e dotado de uma leve rebeldia, características que o tornam distintivo na sociedade. Esse perfil, muitas vezes, é associado a indivíduos que se envolvem ativamente em movimentos sociais, especialmente os de caráter reacionário, focados na defesa da masculinidade tradicional e hegemonista.

A descrição do homem *gamma* reflete um esforço da Rede em legitimar certos traços que, apesar de não se alinharem completamente à liderança carismática do alfa, ainda são valorizados como sujeito de influência e poder no movimento. Essa valorização se faz

necessária uma vez que a mobilização de adeptos da Rede depende, também, de uma contínua contestação e movimentação das redes sociais, via produção de conteúdo e/ou de sua divulgação – o que pode se conectar às características do homem *gamma*. Contudo, ao vincular o *gamma* a movimentos reacionários, o *Red Pill* reforça a narrativa de que essa inteligência e rebeldia são direcionadas exclusivamente à manutenção de estruturas conservadoras e à resistência contra mudanças que questionem os papéis de gênero tradicionais.

O arquétipo do homem ômega, de acordo com @StrideWarrior, é apresentado como a base da pirâmide hierárquica dentro da lógica do *Red Pill*. Esse perfil é associado a sujeitos considerados socialmente inaptos ou marginalizados, frequentemente vistos como distantes dos padrões de liderança, carisma ou influência atribuídos aos outros arquétipos. Como exemplos desse arquétipo, @StrideWarrior menciona personagens como Peter Parker, Newt Scamander e Walter Mitty[xii], ilustrados na figura 05. Esses personagens, embora possuam qualidades individuais únicas, são representados como aqueles que ocupam uma posição de menor destaque ou poder no contexto social descrito pelo movimento.

Figura 5. Homem ômega

Fonte: https://x.com/StrideWarrior/status/1824702889173848294 Rede Social X, 08/jul. 2025

No contexto da mobilização reacionária *Red Pill*, o homem ômega é retratado como alguém com significativa dificuldade em se expressar e estabelecer relações sociais. Tipicamente, é percebido como introvertido e socialmente "invisível". Apesar de sua limitada interação social, ele é descrito como excepcionalmente habilidoso e dedicado em áreas específicas, movido por uma paixão singular por determinados temas. Essa dedicação, no entanto, ocorre longe dos holofotes, mantendo-o fora do reconhecimento ou valorização social mais ampla. Para o *Red Pill*, por mais que os ômegas não tenham muita centralidade, é através deles que a mobilização tem ganhado forças nas redes, tendo um número expressivo

deles no movimento *Incel*[xiii], que é bastante conhecido por diferentes ataques nas redes sociais e fora delas.

Por fim, há o homem sigma, o qual, por sua vez, segundo @StrideWarrior, compartilha de diferentes características com o homem alfa, principalmente o seu carisma. Porém, prefere não ficar nos holofotes da sociedade, por operar de outro modo dentro da mobilização reacionária *Red Pill*. Como exemplos desse arquétipo, são listados os personagens Bruce Wayne, James Bond e John Wick[xiv], presentes na figura 6.

Figura 6. Homem sigma

Fonte: https://x.com/StrideWarrior/status/1824702889173848294 Rede Social X, 08/jul. 2025

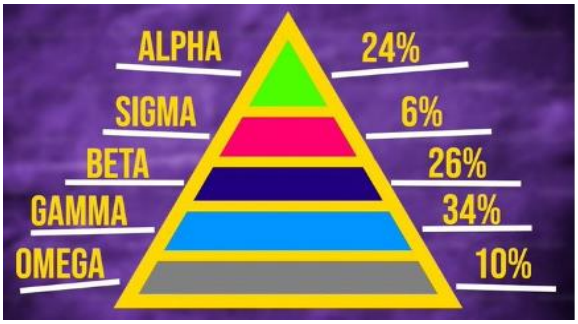
De acordo com @StrideWarrior, o homem sigma compartilha algumas características do alfa, como confiança e competência, mas se diferencia por sua postura de "lobo solitário". No *Red Pill*, ele é descrito como alguém que prefere operar de forma independente, sem a necessidade de estar cercado por outros ou de buscar validação social. Para o sigma, o foco não está em liderar ou seguir, mas sim em preservar seu próprio *status quo* e a manutenção das hierarquias sociais tradicionais. Essa caracterização posiciona o sigma como uma figura paradoxal: embora aparente rejeitar as interações e validações comuns na pirâmide hierárquica, ele ainda reforça e se beneficia da estrutura estabelecida.

Ao categorizar os seis tipos de homens dentro da Rede reacionária, @StrideWarrior estabelece uma pirâmide hierárquica que organiza esses arquétipos com base em seu grau de relevância e influência social. Essa estrutura não apenas posiciona os diferentes tipos de homens em níveis distintos de importância dentro do movimento, mas também busca idealizar a proporção estimada de cada arquétipo presente na sociedade.

Na base da pirâmide hierárquica social proposta pelo *Red Pill*, encontramos o ômega, representando 10% da população masculina. Ele é descrito como o "homem comum", alguém com poucas aspirações sociais e que frequentemente ocupa uma posição marginal na

dinâmica social. Logo acima, com 34%, está o *gamma*, um sujeito com habilidades sociais e intelectuais, mas que ainda é amplamente ignorado pela sociedade. Seguindo a hierarquia, o beta representa 26% e é visto como um colaborador essencial para o alfa, desempenhando um papel de suporte dentro do grupo, sem ocupar posições de liderança. Acima dele está o sigma, com 6%, que se aproxima do alfa em termos de competência e confiança, mas prefere trabalhar de forma independente, mantendo-se alheio à validação social direta. No topo da pirâmide, com 24%, está o alfa, descrito como o líder carismático, capaz de mobilizar multidões e inspirar outros a lutar por uma causa.

Figura 7. Hierarquia dos tipos de homens no Red Pill



Fonte: https://x.com/StrideWarrior/status/1824702889173848294 Rede Social X, 08/jul. 2025

Essa estrutura hierárquica de homens por tipos reflete a visão determinista do *Red Pill* ao categorizar os homens em arquétipos com base em características sociais, comportamentais e de influência. Essas caracterizações reforçam a narrativa hierárquica do *Red Pill*, atribuindo valores e expectativas aos homens com base em qualidades percebidas como naturais ou imutáveis (Connell, 2016). Essa visão essencialista e reducionista da masculinidade é usada para legitimar a posição de superioridade de certos perfis de homens sobre outros, bem como sobre as mulheres.

Embora pareça oferecer uma diversidade no conceito de masculinidade, a pirâmide perpetua uma lógica que privilegia a liderança e a dominância como medidas de valor e sucesso, compatível com a racionalidade androcêntrica. Para além, as narrativas perpetuam a lógica racista que universaliza o homem branco como referência do que é ser humano. Ao desconsiderar personagens não brancos nas hierarquias estabelecidas, denota-se, por meio da invisibilização, a própria desumanização de homens não brancos. Dito de outra forma, por meio de *posts* como este, essas Redes ensinam que talvez não exista outra possibilidade de ser considerado homem e, portanto, humano, senão sendo branco. Em suma, o *Red Pill* da

manosphere se baseia em uma visão hierárquica e essencializada da masculinidade, atribuindo valor e *status* diferentes a perfis de homens com base em características percebidas como naturais. Embora pareça oferecer novas formas de entender as masculinidades, a análise das representações visuais revela que o *Red Pill* na verdade perpetua uma lógica que privilegia a dominância masculina e a subordinação e objetificação femininas.

Considerações Finais

Com o debate travado neste texto, podemos aferir que tanto a pedagogia, enquanto estudo da educação, quanto a cultura, entendida como símbolos e práticas produzidas por determinada sociedade, estão envolvidas em múltiplas significações às identidades. Através desses entendimentos, ao mesmo tempo que a cultura pode ser compreendida por meio de suas pedagogias, a pedagogia é diretamente materializada como um feito cultural e ambas são mobilizadas pelo *Red Pill*.

As apresentações visuais das masculinidades do *Red Pill* na rede social Twitter (X) emitiram significados e atribuíram sentidos e posições às diferenças e aos sujeitos. Ao pensá-las enquanto categorias produzidas e inventadas, a Rede buscou, com as pedagogias visuais, emitir orações que determinaram e produziram determinadas posições a(s) masculinidade(s). Não é novidade, nos Estudos Culturais, que a produção de subjetividades vem sendo correntemente disputada por meio das diversas apresentações visuais. Entretanto, ao entendermos que a rede virtual do *Red Pill* da *manosphere* expressa pedagogias culturais que produzem verdades acerca do existir homem, sua estratégia não somente criou personagens, mas também buscou uma rede de identificação que se materializou em mobilizações virtuais que, dentre outras intencionalidades, vêm refletindo em crescentes narrativas ancoradas em determinada tradição para legitimar as assimetrias de gênero.

As diversas redes de homossociabilidade masculinistas, dentre elas a *Red Pill*, integram e se mobilizam em meio a enfrentamentos travados também nas virtualidades. Estimuladas pelas possibilidades das redes sociais virtuais, as mobilizações favoreceram a radicalização de determinadas masculinidades materializadas na lógica identitária que, dentre outras coisas, hierarquizaram as performatividades masculinas. O objetivo central deste artigo foi debater as narrativas masculinistas que se encontram nas redes *manosphere* e como elas estão associadas à promoção da misoginia e o enfrentamento ao feminismo. Ao buscarmos compreender determinadas dinâmicas pedagógicas da *manosphere*, discutimos suas articulações e participações nos entrelaçamentos de pedagogias com as práticas de

homossociabilidade. Nessa direção, o debate promovido neste texto apresenta alguns elementos à compreensão das estratégias masculinistas e como elas se organizam a partir e por meio de determinadas tradições culturais que articulam interesses androcêntricos que buscam limitar, não sem resistência, o Estado democrático e a promoção e ampliação da cidadania de mulheres e pessoas LGBTI+.

Referências

ANADON, Simone; CAETANO, Marcio; RANGEL, Mary. A Galinha Pintadinha e o reino do Galo Carijó: dinâmicas androcêntricas na educação da infância. **Cadernos De Educação**, (52), 2015.

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo:** a ascensão da política antidemocrática no ocidente. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.

CAETANO, Marcio; TEIXEIRA, Tarciso Manfrenatti de Souza; SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da. Bichas pretas e negões: seus fazeres curriculares em escolas das periferias. **Revista Teias**, [S. l.], v. 20, n. 59, p. 39–55, 2019.

CONNELL, Raewyn.; MESSERSCHMITT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 01, p. 241-282, 2013.

____. Masculinities: The field of knowledge. In: **Configuring masculinity in theory and literary practice.** Brill, 2015. p. 39-51.

GING, Debbie. "Alphas, Betas, and Incels: Theorizing the Masculinities of the Manosphere." **Men and Masculinities**. Advance online publication, 2019.

KIMMEL, Michel. Masculinidade como homofobia: medo, vergonha e silêncio na construção de identidade de gênero. Tradução de Sandra Mina Takakura. **Equatorial** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, [S. l.], v. 3, n. 4, p. 97–124, 2016.

LIMA-SANTOS, André Villela de Souza; SANTOS, Manoel Antônio Dos. Incels e Misoginia On-line em Tempos de Cultura Digital. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 22, n. 3, p. 1081-1102, 2022.

NASCIMENTO, Marcos. Essa história de ser homem: reflexões afetivo-políticas sobre masculinidades. In: CAETANO, Marcio; SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço (org.) **De guri a cabra macho:** masculinidades no Brasil. 1. ed. 1. reimp. Rio de Janeiro: Lamparina, 2022. p. 16-27.

O'MALLEY, Roberta L.; HOLT, Karen; HOLT, Thomas J. An exploration of the involuntary celibate (incel) subculture online. ***Journal of interpersonal violence*,** v. 37, n. 7-8, p. NP4981-NP5008, 2022.

PENALVO, Cláudia; CAETANO, Marcio; RODRIGUES, Alexandre; ALVES, Nilda G. Entre maquinarias e modos de ver e ser vista - a imagem como acontecimento da fada madrinha. **REMEA - Revista Eletrônica Do Mestrado Em Educação Ambiental**, 37(2), 205–229. 2020.

PEREIRA, Maria Vitória Neri.; BALISCEI, João Paulo. O que é (e o que não é) ser homem?: masculinidade tóxica, cultura visual e educação para e sobre crianças. **Gênero**, Niterói, v.23, n.2, p.134-158, 2023.

SILVA, Ana Carolina Weselovski da. **Misoginia Online:** manosfera e a red pill no ambiente virtual brasileiro. 113 Fls. Mestrado em Psicologia Social e Institucional, no Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande Do Sul, 113 f., 2022.

SILVA, José Rodolfo Lopes da, FERRARI, Anderson; CAETANO, Marcio. Masculinismo, neoconservadorismo e pedagogias culturais: investimentos em tradições, essencializações e naturalizações. **Currículo sem Fronteiras,** v. 22, e2189, 2022.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças:** cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

VILAÇA, Gracila; D'ANDRÉA, Carlos. Da manosphere à machosfera: Práticas (sub) culturais masculinistas em plataformas anonimizadas. **Revista Eco-Pós**, v. 24, n. 2, p. 410-440, 2021.

ZANELLO, Valeska. Masculinidades, cumplicidade e misoginia na "casa dos homens": um estudo sobre os grupos de whatsapp masculinos no Brasil. In: FERREIRA, Larissa (org.). **Gênero em perspectiva.** Curitiba: Editora CRV, 2020. p. 79-102.

Notas

[i] Em um porvir, o protagonista Thomas Anderson (Keanu Reeves), um jovem desenvolvedor de software que vive em um cubículo sombrio, fica atormentado por estranhas alucinações nas quais se encontra conectado por fios e contra sua vontade, em um vasto sistema de computadores futurista. Em todas essas situações, desperta gritando no exato instante em que os eletrodos estão prestes a perfurar seu cérebro. À medida que a visão se repete, Anderson começa a questionar a realidade. Por meio do contato com os enigmáticos Morpheus (Laurence Fishburne) e Trinity (Carrie-Anne Moss), Thomas descobre que é, assim como outras pessoas, uma vítima do Matrix, um sistema artificial e inteligente que controla a mente humana, criando uma aparência de um mundo real enquanto utiliza os cérebros e os corpos dos indivíduos para gerar energia. Morpheus, no entanto, acredita que Thomas é Neo, o esperado salvador/messias capaz de enfrentar o Matrix e liderar as pessoas ao encontro da liberdade.

[ii] Exemplos disso podem ser observados em discursos como o do ex-presidente Jair Bolsonaro, que exaltou sua virilidade ao se declarar "imbrochável", e da ex-ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, ao afirmar em um discurso que "meninos vestem azul e meninas vestem rosa".

[iii] A "blogosfera" significa o conjunto de todos os blogs existentes na internet. Ela é uma comunidade virtual composta por blogs de diversos temas, interesses e nichos, onde blogueiros trocam informações, opiniões, experiências e conteúdo variado com seus leitores. A internet é caracterizada pela variedade e conexão entre diversos blogs, resultando em uma rede global de comunicação e interação on-line.

[iv] Blogspot é uma plataforma de hospedagem de blogs pertencente ao Google. Ela permite que os usuários criem e gerenciem seus próprios blogs de forma gratuita. Com o Blogspot, os blogueiros podem escolher modelos de design pré-fabricados, personalizar o layout, publicar conteúdo, incluindo texto, imagens e vídeos, e interagir com os leitores por meio de comentários.

[v] O darwinismo social baseia-se na ideia de que as sociedades se dividem em grupos considerados superiores e inferiores, sustentando que as sociedades superiores têm o direito ou a obrigação de governar os inferiores. Segundo essa perspectiva, as sociedades ditas inferiores estariam destinadas à extinção por não conseguirem acompanhar o ritmo da evolução. Essa teoria serviu para a implementação de políticas excludentes que desconsideravam diferenças individuais e contextuais, promovendo a discriminação contra aqueles que não se adequavam aos padrões de autossuficiência. Embora a analogia biológica apresente diversos fundamentos para a compreensão da competitividade que promoveria/atestaria a força masculina. É importante destacar que o Darwinismo Social apresenta uma restrição importante: os recursos não são igualmente distribuídos e a disputa entre os homens é, em geral, um jogo de soma zero, ou seja, o que um obtém, o outro certamente perde. Apesar de existirem, na natureza, exemplos de colaboração entre indivíduos e espécies, a história das sociedades reitera que a competitividade entre homens vem resultando, entre outros vetores, em violência, morte e epistemicídio. O darwinismo social alimentou ideologias como a eugenia, o racismo, o imperialismo, o fascismo e o nazismo (Schwarcz, 1993).

[vi] O recurso que remonta a Grécia Antiga não foi usado de modo leviano. A ideia busca, assim como feito nos trabalhos que ancoram a modernidade, a exemplo de "Emilio, o pedagogo", de Jean-Jacques Rousseau, um tempo de superioridade masculina e de equilíbrio político por meio da desigualdade entre mulheres e homens.

[vii] O personagem Rei Leônidas é o protagonista do filme *300*, lançado em 2007. Já o Capitão América, um super-herói da Marvel, é destaque em uma série de filmes que levam o seu nome. Por fim, Thomas Shelby é o líder de uma gangue e personagem central da série televisiva *Peaky Blinders*, exibida a partir de 2013.

[viii] É uma sigla inglesa que significa *Chief Executive Officer* e pode ser traduzida ao português como sendo Diretor Executivo, uma pessoa com maior autoridade na hierarquia administrativa da empresa.

[ix] O personagem Ron Weasley é um dos membros do trio protagonista da série de filmes *Harry Potter*. Já Samwise Gamgee é um dos personagens principais da trilogia de filmes *O Senhor dos Anéis*. Por sua vez, Bruce Banner, também conhecido como o herói Hulk, é um personagem da Marvel que aparece nos filmes dos *Vingadores* e em outras produções, tanto séries quanto filmes, que levam seu nome.

[x] O personagem Harry Potter é o protagonista de uma série de filmes que leva o seu nome. Marty McFly, por sua vez, é o personagem principal da trilogia de filmes *De Volta para o Futuro*. Já Frodo Baggins é um dos protagonistas da trilogia de filmes *O Senhor dos Anéis*.

[xi] O personagem Tony Stark, um herói da Marvel, é o protagonista dos filmes *Homem de Ferro* e participa da franquia *Vingadores*. Já Jack Sparrow é um dos protagonistas da série de filmes *Piratas do Caribe*. Por fim, Han Solo é um dos personagens centrais da trilogia clássica de *Star Wars*.

[xii] O personagem Peter Parker, também conhecido como Homem-Aranha, é o protagonista de uma série de filmes da Marvel. Newt Scamander é o personagem principal da franquia de filmes *Animais Fantásticos*, ambientada no universo de *Harry Potter*. Já Walter Mitty é o protagonista do filme *A Vida Secreta de Walter Mitty*, baseado no conto de James Thurber.

[xiii] A sigla vem da aglutinação das palavras *Involutary Celibates.* Os celibatários involuntários são um subgrupo que integra a *manosphere* cujos membros se definem como incapazes de encontrar uma parceira afetivo-sexual, ainda que o desejem.

[xiv] O personagem Bruce Wayne, também conhecido como Batman, é o protagonista de diversos filmes da DC Comics. James Bond é o agente secreto britânico, protagonista da famosa franquia de filmes *007*. Já John Wick é o protagonista da série de filmes de ação *John Wick*, que acompanha sua jornada de vingança e redenção.

Sobre os autores

Marcos Aurélio do Carmo Alvarenga
Doutorando em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas – RS e membro do Grupo de Pesquisa Políticas dos Corpos, Cotidianos e

Currículos – POC's. A área de pesquisa concentra-se em análises visuais, corpo, gênero e sexualidade.
E-mail marcosaurelioca.8@gmail.com Orcid https://orcid.org/0009-0004-7394-6128

Juliana Lazzaretti Segat
Doutoranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas – RS e membro do Grupo de Pesquisa Políticas dos Corpos, Cotidianos e Currículos – POC's. A área de pesquisa concentra-se em corpo, gênero, sexualidade, feminismo, direito e currículos.
E-mail julianalsegat@gmail.com Orcid https://orcid.org/0000-0003-2531-3890

Marcio Caetano
Docente da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), atua no Departamento de Ensino e, no momento, é coordenador do Programa de Pós-graduação em Educação. Na UFRGS, atua como docente permanente no Programa de Pós-graduação em Educação, por meio da Linha Gênero, Sexualidade e Educação. É líder do Grupo de Pesquisa Políticas dos Corpos, Cotidianos e Currículos (POC's-UFPel) e Coordendor do Museu João Antônio Mascarenhas (UFPel, UFES & Grupo Arco-Íris-RJ). Tem experiência na área de Currículo com produção acadêmica voltada para aos movimentos sociais LGBTI+, estudos queer, pós-coloniais e decoloniais, estudos feministas de gênero e sexualidade e estudos das masculinidades.
E-mail mrvcaetano@gmail.com Orcid https://orcid.org/0000-0002-4128-8229

Recebido em: 02/06/2025
Aceito para publicação em: 20/06/2025